

150 anos de jornal impresso em Campinas: paixão e obstinação

Do Aurora Campineira ao **Correio da Manhã**, que chega hoje à edição n.º 25.000

Por Ana Carolina Martins

Houve um tempo em que o dia começava com um ritual silencioso, quase sagrado: abrir o jornal e ler as notícias do dia anterior. O papel ainda levemente úmido de tinta; o som seco das páginas sendo viradas; os olhos percorrendo as manchetes que contavam e organizavam o mundo. Antes das telas e das notificações instantâneas, era ali, no impresso, que a vida ganhava forma, sentido e urgência.

Em Campinas, essa história começou cedo. Em 1858, surgiu o Aurora Campineira, o primeiro jornal impresso da cidade. Fundado pelos irmãos Siqueira e Silva, nasceu em um tempo em que escrever era, antes de tudo, tomar partido de algo. Ou seja, não havia a pretensa neutralidade que hoje se associa ao jornalismo.

Nos primórdios, as ‘notícias’ confrontavam, criticavam as autoridades, incomodavam grupos de poder e colocavam seus responsáveis sob pressão constante. A tipografia aplicada tinha origem em Hércules Florence, figura central da inovação técnica no país.

Este fato é simbólico e revela que a imprensa campineira já nasceu conectada à experimentação e ao avanço tecnológico. Pouco depois, em 1860, o jornal se transforma e muda e torna-se O Conservador, alinhando-se formalmente ao Partido Conservador, reforçando a lógica vigente da época, que tinha os jornais como extensões diretas de projetos políticos.

Nas décadas seguintes, acompanhando a expansão econômica impulsionada pelo café e o crescimento urbano, o município assiste ao surgimento de outros títulos. A imprensa deixa de ser uma iniciativa isolada e se transforma em um campo mais plural, ainda que profundamente marcado por interesses e disputas políticas e mercadológicas.

Correio de Campinas

É nesse contexto que aparece o Correio de Campinas. Fundado em janeiro de 1885, por Henrique de Barcelos, circulou até 1919. Ele é considerado o primeiro jornal da cidade a ter conteúdo “noticioso”, como se dizia na época sobre as matérias factuais com maior imparcialidade, algo incomum naqueles tempos. Na verdade, diversos jornais menores eram vinculados a partidos polí-



Rafael Lima

Jornais na Banca do Alemão, na praça em frente ao Palácio da Justiça, no Centro de Campinas

ticos, por exemplo, o jornal Cidade de Campinas, veículo ligado ao Partido Republicano Paulista na cidade, e que pertencia ao político Antônio Lobo.

Assim, os jornais começaram, pouco a pouco, a ampliar o seu escopo e conteúdo. Continuaram políticos, mas agora registravam também o cotidiano, publicavam anúncios e descreviam a vida que pulsava nas ruas.

Amadurecimento

O processo amadurece ao longo do início do século XX, quando avanços técnicos e o crescimento populacional ampliam o alcance da imprensa. As tiragens crescem, a qualidade gráfica melhora e o jornal deixa de ser apenas um espaço de opinião para se tornar um instrumento de informação sistemática. Surge, nesse momento, uma nova figura: o jornalista profissional, ainda em formação, mas distinto do militante político que dominava as redações no século anterior.

Nasce uma “estrela”

O salto definitivo acontece em 1927, com a fundação do Correio Popular. O jornal campineiro nasce com uma estrutura mais sólida, periodicidade confiável e uma proposta editorial mais equilibrada entre informação e opinião.

Ao longo das décadas, ele se consolidou como o principal veículo do campinense, atravessando momentos decisivos da história

“Enquanto houver leitores ávidos por informações e coberturas bem apuradas, confiáveis e analíticas, o jornalismo impresso continuará oferecendo ao leitor condições para pensar, organizar e entender a sua realidade”

Ana Carolina, editora do Correio da Manhã em Campinas

brasileira, da instituição do Estado Novo à redemocratização, da ditadura militar à Nova República.

Presente nas bancas, nas casas e nas mesas de café, o Correio Popular informa e ajuda a formar leitores, a construir pensamento crítico e a organizar o cotidiano de gerações inteiras. Para muitos, foi ‘escola’ antes mesmo da escola.

O leitor passava página por página com calma, percorria colunas, detinha-se em anúncios, recortava notícias, sublinhava trechos e, depois, debatia e comentava os assuntos nas ‘rodas do cafezinho’. Era um tempo em que a informação não competia com as atuais múltiplas telas de hoje. O jornal impresso ocupava um lugar central na sociedade, quase absoluto.

Diário do Povo

Nesse ambiente, outro nome também ganha espaço e protagonismo: o Diário do Povo, ligado ao empresário e político Orestes Quéricia. Sua presença reforça uma característica histórica do

jornalismo brasileiro e a proximidade entre mídia e poder, ampliando as vozes e disputas locais.

Mais do que concorrente, o Diário do Povo ajuda a intensificar o dinamismo da imprensa local, ao dividir espaço com o Correio Popular e contribuir para um ambiente de maior pluralidade, ainda que atravessado por interesses políticos e econômicos.

Para o leitor, isso significava mais do que escolher entre dois jornais, significava ter acesso a diferentes narrativas sobre os mesmos fatos, num tempo em que a notícia impressa ainda organizava o debate público e dava o tom das conversas nas ruas e nos cafés.

Já no final do século XX e início do XXI, essa lógica começa a se transformar. A popularização da internet altera profundamente a forma como as pessoas consomem informação. Em Campinas, assim como no restante do país, os jornais impressos enfrentam queda na circulação e forte perda de receitas publicitárias.

Jornal popularesco

Ao mesmo tempo, surgem novas estratégias para manter o público. Uma delas foi a aposta no jornalismo ‘popularesco’, mais direto e acessível, marcado por uma linguagem mais tosca e curta, para leitura rápida, impacto imediato e forte conexão com o cotidiano do leitor: Notícia Já.

O novo jornal, de tamanho pequeno e fotos quase sempre chocantes e linguagem caricata, atingia em cheio aqueles que nem sempre se viam representados nos jornais tradicionais, mais intelectualizados. Se o jornal clássico organizava o mundo com certa distância, o popular mergulhava nele sem mediações.

Contudo, a grande ruptura viria com o digital. A notícia passa a circular em tempo real, gratuita, fragmentada e incessante. As redações se adaptam, integram plataformas, reduzem equipes. O jornalismo reinventa-se, torna-se mais analítico, mais reflexivo, menos preocupado com o factual imediato, visto que ele, agora, pertence ao ambiente on-line.

Surge no horizonte o Correio da Manhã

É nesse cenário que, recentemente, Campinas assiste à chegada de um novo, e ao mesmo tempo antigo, jornal impresso: o **Correio da Manhã**, com sede no Rio de Janeiro. Sua entrada no mercado local, carrega um significado que vai além do lançamento de mais um veículo. Trata-se de uma aposta na permanência do jornal impresso como espaço de leitura qualificada, de interpretação e de pausa em meio à velocidade digital. É, sem dúvida, um gesto de resistência.

Ao percorrer essa trajetória — do Aurora Campineira ao **Correio da Manhã** —, o que se vê, além da evolução dos veículos, é a intensa transformação de uma relação entre a sociedade e a informação.

Talvez o jornal impresso não responda mais pelo ritmo das manhãs como antes, mas ele ainda assim permanece vivo. Cada edição é um registro físico de um tempo que não volta mais, uma tentativa de organizar o caos dos dias em narrativa compreensível.

Enquanto houver alguém disposto a abrir um jornal, sentir o cheiro da tinta e dedicar alguns minutos à leitura sem pressa, a imprensa no papel seguirá resistindo. Não como já foi, mas como ainda precisa ser.